

**LINGUAGEM, IDEOLOGIA E PODER
NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR:
OS SIGNOS LINGÜÍSTICOS REPRESENTADOS
PELOS SUJEITOS HISTÓRICOS DAS ESCOLAS MUNICIPAIS
DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

Odete dos Santos Silva (Pró-Saber)
odete-lara1@hotmail.com

RESUMO

Pretende-se abordar aqui o tema linguagem ideologia e poder no processo de formação do leitor, visto que a linguagem proporciona formas de interação com o outro e, por meio dela, há uma interação entre os indivíduos e uma forma de transmissão dos conhecimentos socialmente produzidos. Nosso objetivo é analisar a construção da linguagem enquanto processo ideológico e de poder na formação do leitor nas escolas municipais de Vitória da Conquista – BA. Serão revisados autores clássicos que evidenciam a realização desse estudo e garantem uma visão crítica sobre a proposta do ponto de vista da linguagem e da formação do leitor, enfatizando as questões referentes ao estudo da linguagem em cenários diversos e contextos históricos específicos, para que haja socialização dos saberes e se ampliem os processos dialógicos.

Palavras-chave: Ideologia. Linguagem. Formação.

O presente artigo pretende abordar o tema linguagem ideologia e poder no processo de formação do leitor. A linguagem proporciona formas de interação com o outro, quer seja na troca de experiências bem como na geração de novas ideias. E por meio dela há uma interação entre os indivíduos e uma forma de transmissão dos conhecimentos socialmente produzidos. A mesma está embasada por pressupostos teóricos acerca das práticas, discussões as quais permitem pensar como se estabelece o processo de aquisição e domínio da linguagem no que tange a formação do leitor. Essa temática é pertinente e por isso deve ser abordada no campo teórico para que possa contribuir nas discussões e colaborar na a formação de leitores críticos e reflexivos. Nesse sentido, faz-se necessário aprofundar o debate enfatizando as questões referentes ao estudo da linguagem em cenários diversos e contextos históricos específicos, no entanto, para que haja socialização dos saberes, amplia-se os processos dialógicos por meio das linguagens e leituras.

Por isso, a intenção da pesquisa é averiguar como é construída a subjetividade da linguagem no âmbito escolar no século XXI e mais especificamente como se forma o leitor nas escolas públicas, sua consciên-

cia de linguagem e poder ideológico histórico. Essas reflexões linguísticas e estruturais expressam as culturas ideológicas sociais e políticas no uso e produção dos discursos. Neste contexto, a linguagem e suas significações expressam as relações sociais historicamente construídas. Portanto, a mesma enquanto formadora da consciência dos indivíduos não se abstém de ideologias e se encontra presente nas mais variadas camadas sociais e sua visão de mundo. Segundo Bakhtin (2006), não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivência.

Assim, o contexto histórico o qual o indivíduo está inserido determina suas construções linguísticas e discursos. Sendo assim, faz-se necessário discutir questões que apontem possíveis formas de estudos sobre línguas focalizando sobre a perspectiva da etnografia social e escolar nos cenários socioculturais e históricos de um sistema linguístico abordando a linguagem verbal e social podendo ser analisados a luz de uma concepção dialética. Nessa perspectiva, compreender. Os fenômenos ideológicos da aquisição da linguagem estão interligados. Os elementos de comunicação social e os signos representam a materialização dessa comunicação observando o contexto sociocultural e histórico em que os sujeitos históricos estão inseridos.

Mas esse espaço semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2006 p. 34)

Nesse sentido, o autor reforça que a linguagem reflete um fenômeno ideológico e é absorvida em função de seu signo. Ele como instrumento importante que cumpre uma relação ideológica. Desta forma

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo. É justamente uma das tarefas da ciência das ideologias estudar esta evolução social do signo linguístico. Só esta abordagem pode dar uma expressão concreta ao problema da mútua influência do signo e do ser; é apenas sob esta condição que o processo de determinação causal do signo pelo ser aparece como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo de refração realmente dialético do ser no

signo. (BAKHTIN, 2006, p. 34)

Para que haja signos é preciso obter um consenso dos envolvidos num processo social e de interação. Nesse trabalho serão abordadas questões sobre a linguagem e qual foi à necessidade de se iniciar essa prática na sociedade, pois atualmente percebe-se a necessidade de refletir sobre as dificuldades de aprendizagem referentes à leitura e a escrita. Hoje se contempla um mundo onde a leitura é a principal fonte de conhecimento para o indivíduo que é constantemente desafiado em situações diversas onde é preciso usar suas competências de leitor para compreender a realidade que o cerca. É necessário compreender que o processo de formação do leitor está vinculado, inicialmente, à sua realidade cotidiana e ao seu contexto familiar quando todo seu entorno envolve um mundo letrado sócio cultural. Dessa forma:

Não seria, porém, com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra ‘milagrosamente’ esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização. (FREIRE, 1988 p. 30)

É preciso se preocupar constantemente com a formação de leitores. Mas de que espécie de leitores e que tipo de linguagem apreendem e que signos e significados expressam? Aqueles que sejam capazes de mobilizar que tipos de procedimentos e habilidades linguísticas no contexto social em que vivem? Que estratégias e atividades devem ser selecionadas para que os alunos desenvolvam estas capacidades envolvidas no ato de ler? É preciso que se trabalhe com o objeto a partir da realidade vivenciada pelo indivíduo que justifique a escolha literária e todo o processo de construção do conhecimento.

Os procedimentos utilizados na construção das bases necessárias para a formação destes leitores que se deseja instrumentalizar para o efetivo exercício da cidadania são as estratégias de leitura aplicadas nesta pesquisa, a partir de narrativas curtas. Segundo os conceitos que Soares (2003) expõe as noções de leitura e da escrita se concebem no processo de aquisição da “tecnologia da escrita”. O conceito de letramento, por sua vez, refere-se ao processo de apropriação das práticas sociais de leitura e de escrita,

As estratégias de leitura são as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura proficiente. Sua utilização permite compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos e pretende despertar o

professor para a importância em desenvolver um trabalho efetivo no sentido da formação do leitor independente, crítico e reflexivo. No entanto, é possível observar que é importante fazer uma leitura crítica e que o gosto pela leitura se desenvolve na medida em que os conteúdos se tornam significativos e necessários à vida do leitor. (FREIRE, 1988)

A formação do leitor inicia-se no âmbito familiar e se processa em longo prazo, tendo mediadores como: bibliotecários, professores e no caso específico retratado: a família, pois é através da leitura que encontramos a possibilidade de nos instruir, educar e também divertir. Essa formação acontece no momento em que conviva com outras situações que envolvem a leitura, momento este que exerce grande importância na formação de leitores, o que significa incentiva-lo ao hábito que o favoreça a ampliar sua experiência literária. Neste sentido, o papel do professor é de suma importância orientação em construção da identidade de um indivíduo e também promover o ato de ler para que ao ser incorporado nas mediações domésticas seja construído o gosto pela leitura.

Entretanto, é no espaço escolar que o aluno passa a ter o contato mais intenso com a leitura, cabendo ao professor estimular esta prática no mesmo e explorar seus conhecimentos e habilidades para melhor desempenho no seu aprendizado desenvolvendo assim o comportamento de leitor e habilidades linguísticas. Para isso, entende-se que nossa atenção deve estar em torno da sala de aula onde todo professor tem sua prática, seleciona conteúdos, passa posições políticas, ideológicas, transmite e recebe afetos e valores (VASCONCELLOS, 2002). E o espaço de acontecimentos entre a educação e a formação básica do educando se concebe em sala de aula através da interação entre os sujeitos, mediados pela realidade.

Para tanto, torna-se prioritário a prática do diálogo em que ambos educadores e educando através da realização de seus objetivos chegam ao acesso do saber historicamente elaborado pelo exercício cultural da humanidade.

Sendo o educador um formador de opinião deve participar de práticas de leitura buscando novas maneiras de interação com seus alunos na realização de atividades relacionadas ao gosto pela leitura, as quais poderiam ser feitas com diferentes suportes. A questão da leitura na vida do educando aparece desde cedo em seus contextos de formação.

As narrativas sobre práticas de leitura afloram na rememoração dos momentos em que os livros entraram em suas vidas seja por meio de

seus familiares seja por meio de seus primeiros professores. Estes primeiros contatos aparentam ser muito prazerosos e surgem em suas memórias como momentos de introdução num mundo diferente daquele a que estavam acostumados. A leitura representa a entrada num outro momento de suas vidas quase uma introdução à vida adulta; os livros e as histórias nestes primeiros contatos com a escrita surgem como representações de uma entrada num novo patamar de conhecimento.

A partir do exposto, pode-se dizer que práticas de leitura são fundamentais para a constituição dos signos linguísticos.

Portanto cabe ao professor trabalhar a leitura de modo que os educandos desenvolvam o prazer e o gosto pela leitura. Contudo, o saber fazer do professor é questionado. Segundo Sacristán (2000), o saber fazer do docente está ligado com a condução da prática escolar e se desenvolve por meio dos esquemas práticos, que se constituem em modelos de atividades de ensino, ligadas a um determinado conteúdo. Visto que jamais se formarão leitores se estes não se sentirem instigados a ler, o educador em uma nova postura didática, compreende que não é ele quem “deposita” o conhecimento no saber do educando sendo o mesmo que o constrói no processo da leitura. Segundo Paulo Freire (2006) “a leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente”. (p. 63)

Por outro lado, sabe também que não é deixando o educando aprender de forma autônoma ou na interação com outro de nível intelectual semelhantes que o conhecimento “brotará” de forma espontânea. Observa-se, portanto, o papel mediador do professor na construção do conhecimento em três vetores: provocar, dispor e interagir neste sentido.

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre cultura grupal ou de classe e o texto que for lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. (AGUIAR & BORDINI, 1993, p. 16)

Dispor de objetivos, elementos e situações; dar condições para que o educando tenha acesso a elementos novos, para possibilitar a elaboração de respostas aos problemas suscitados, superar a contradição entre sua representação mental e a realidade. Dando indicações, oferecendo subsídios, dispor de elementos para “combustível”. O professor no momento certo, do jeito adequado, deve proporcionar a oportunidade de ação e reflexão e interação entre aluno/leitura.

Assim, o aluno terá condições de aprender, e o

mais importante do que reconhecer a forma utilizada, é entendê-la dentro do contexto, e perceber que essa significação varia de acordo com o uso social da palavra. Quando desvinculamos a palavra da realidade, usando-as apenas como pretexto para decorar regras gramaticais, como se a língua fosse um sistema abstrato de normas, ou quando restringimos a leitura de um texto a uma única interpretação, estamos impedindo que venha à tona uma infinidade de outros sentidos possíveis, dando às nossas aulas um caráter monológico. (BAKHTIN, 2006, p. 192)

Não existe um caminho único para se tornar um leitor. Para sua concepção, deve se iniciar por textos simples do ponto de vista linguístico e depois passar para os mais complexos ou iniciar por temas próximos e partir para os mais distantes. Alguns preferem os grandes desafios desde o princípio porque sabem que eles têm algo a oferecer nem que seja a estranheza. Um bom caminho para alavancar o gosto pelos livros é procurar uma comunidade de leitores, podendo ser os professores da escola, amigos, parentes dentre outros. Ao compartilhar as experiências e as impressões sobre uma leitura procurando compreender os significados que a obra tem para os outros, conseqüentemente esse ato enriquece repertório do leitor. Outra vantagem desses diálogos permanentes é a troca de indicações de textos e autores, pois:

O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra. (BRANDÃO & MICHELITTI, *apud* CHIAPPINI, 1998, p. 17)

Compreende-se, então, que ler não é uma tarefa fácil, uma vez que se trata de capacidades humanas que muitas vezes se encontram desestimuladas e reavivá-las requer tempo e estratégias atrativas o suficiente para atrair o leitor.

A leitura se configura em determinadas práticas sociais. Entretanto, a leitura geralmente é rotulada como fundamental, importante, formadora de caráter dentre outros. Porém, é preciso observar que a leitura se apresenta sob diversas óticas, como quando se fala de leitura pode se remeter a muitas concepções dos valores culturais que propiciam os benefícios da informação é de sua importância. Dentro de uma perspectiva: a leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade. (ORLANDI, 1988)

Vive-se em meio a grandes avanços tecnológicos na sociedade.

Desse modo, faz-se necessário que a educação acompanhe as inovações no intuito de diminuir as exclusões sociais tão explícitas na contemporaneidade. Assim sendo, a leitura se mostra um mecanismo essencial para que seja possível desenvolver reflexões críticas a respeito da realidade e dispor de conhecimento fundamentais para a atuação e posição humana na sociedade. Desta forma, Martins por sua vez ressalta que a leitura e a escrita possibilitam ao cidadão integrar – se efetivamente à sociedade, ultrapassando o conceito restrito de leitura como decifrações da escrita.

O conceito de leitura esta geralmente restrita a decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações políticas, social, econômica e cultural. (MARTINEZ, 1982)

Já para Cagliari (1993), a leitura é uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um texto, mesmo científico. Ao contrário da escrita que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, da reflexão.

[...] do ponto de vista da dimensão individual de letramento (a leitura como uma tecnologia), é um conjunto de habilidades linguísticas e psicológicas, que se estendam desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos, [...] refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo. (SOARES, 2003, p. 68)

A leitura consiste também em assumir um papel humanizado, que recria a experiência humana e possibilita a ampliação de vivências do leitor. É também uma forma de possibilitar ao homem a vigência do direito a um linguístico e os conhecimentos que lhe são postulados.

Pode-se de fato forçar a seguir quando se está à procura das “singularidades” de uma matéria ou de preferência, de um material, e não tentando descobrir uma forma quando se escapa à força gravitacional para entrar num campo de celeridade quando paramos de contemplar o escoamento de um fluxo laminar com direção determinada e somos arrastados por um fluxo turbilhonar; quando nos engajamos na variação contínua das variáveis, em vez de extrair delas constantes mudanças em que

A sociedade atual passa por rápidas e complexas mudanças, vive-se um momento aonde o fluxo de informações. É preciso lançar mão de recursos que estimulem a curiosidade, porque os alunos já vêm para a escola com uma bagagem bem significativa com relação a esses recursos e as informações trazidas por eles. (GALLO, 2008, p. 65)

Analisar a leitura como prática social e cultural resume em entender que as situações que o leitor vivencia ao longo de sua carreira acadêmica são historicamente divergentes. Desta forma, independente do momento ou lugar, a leitura deve ser concebida como objeto de desejo e interesse do aluno.

As reflexões que aqui se fazem sobre o leitor investigativo e sua formação à medida que se pretende entender a leitura que os constituíram como sujeitos inseridos em sociedade de cultura predominante. O mundo da leitura está presente à volta e é preciso compreender o lugar que ocupa no universo cultural e social do educando.

A metodologia do projeto será desenvolvida de forma bibliográfica e empírica e pela análise de discursos dialéticos da linguagem. Serão revisados autores clássicos que evidenciam a realização desse estudo e garantem uma visão crítica sobre a proposta do ponto de vista da linguagem e da formação do leitor. Além dessa revisão bibliográfica serão entrevistados os educandos e professores da área de linguagens que atuam em duas escolas públicas municipais de Vitória da Conquista: Escola Municipal Ridalva Correia de Melo, Escola Municipal Conceição Meira Barros. Utilizaremos de fontes documentais escritas e orais e oficiais objetivando analisá-las em suas muitas dimensões sociocultural e políticas. Serão também entrevistados gestores das escolas e autoridades da Secretaria de Educação e pais de alunos. Para análise dos dados catalogados será aplicado o método da concepção dialética do conhecimento a fim de interpretá-los de forma adequada e crítica. Será feito um levantamento bibliográfico para embasar teoricamente a pesquisa.

Toda e qualquer forma de trabalho científico, é preciso lembrar que todo trabalho dessa natureza tem por objetivo intrínseco a demonstração, o desenvolvimento de um raciocínio lógico e crítico. A ciência, enquanto conteúdo de conhecimentos, só processa como resultado da articulação do lógico com o real, da teoria com a realidade. Por isso, uma pesquisa geradora de conhecimento científico, e, conseqüentemente, uma tese destinada a retratá-la, deve superar necessariamente o simples levantamento de fatos e coleção de dados, buscando articulá-los no nível de uma interpretação teórica. (SEVERINO, 2007, p. 219)

Para que a pesquisa seja realizada com sucesso é imprescindível a interpretação crítica e profunda dos dados pesquisados. É preciso relacionar a práxis social.

A análise de dados levará em conta o aporte teórico a partir de uma visão de cunho histórico-crítico para melhor desvendar os retrocessos e avanços no debate acerca da temática em questão. É óbvio que as

práticas sociais possibilitam novas demandas para educação e a forma de encarar o aprendizado envolve outros anseios dos sujeitos em detrimento dos avanços tecnológicos e da dinâmica interna das novas formas de sociabilidade. O que nos remete a pensar as práticas pedagógicas e redimensionar o processo de aquisição do conhecimento

Essa temática proposta para pesquisa não se encerra mediante com o debate colocado. Pelo contrário a ideia é oxigenar a discussão para exigir maior interesse mediante o que se tem feito até o momento atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira. BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. Trad.: M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: fundamentos, métodos e técnicas*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*, vol. 2, Brasília: MEC/ SEF, 1987

CAGLIARI, Luis Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1993.

FARACO, C. A. *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: UFPR, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988, p. 80.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- GALLO, S. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- KLEIMAN, Â. *Oficina de leitura: teoria e prática*. São Paulo: Pontes, 1998.
- LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- MARTINEZ, G. M. *As dificuldades de leitura poderiam ser explicadas por um atraso na manutenção do sistema nervoso*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007
- SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Massagão. (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.
- TEBBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2000.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Construção do conhecimento em sala de aula*. São Paulo: Libertad, 2002.
- YUNES, Eliana. *A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas*. Rio de Janeiro: Antares, 1985.